

ANÁLISE DE DISCURSOS E A FILOSOFIA FOUCAULTIANA COMO MÉTODO DE EVIDENCIAR EXPERIÊNCIAS E PRÁTICAS DE SI

Antônio Fernandes Júnior¹
Marcelo Vinícius Amorim²
Amanda Soares Mantovani³

Resumo: O presente estudo teórico-filosófico se desenvolve a partir de alguns apontamentos apresentados por Michel Foucault, no intento de contribuir para formulações de estratégias analíticas na leitura de discursos hoje. Para tanto, retomamos problematizações centrais da última fase da filosofia foucaultiana e as articulamos com certa materialidade discursiva concernente à questão da carne no contemporâneo. Vislumbramos, pois, entender como o dispositivo analisado pelo filósofo francês ao longo da *História da sexualidade* passa por atualizações e se mantém em movimento ainda na atualidade. Percebemos certo embate discursivo e suas tensões específicas entre governo das condutas do corpo e os movimentos de contracondutas, funcionando a partir da crítica sobre o governo de si e os modos de existência possíveis.

Palavras-chave: Análise do Discurso, Michel Foucault, Corpo, Sexualidade.

DISCOURSE ANALYSIS AND FOUCAULTIAN PHILOSOPHY AS A METHOD OF EVIDENCE THE SELF'S EXPERIENCES AND PRACTICES

Abstract: This theoretical-philosophical study is developed from some notes presented by Michel Foucault, in an attempt to contribute to the formulation of analytical strategies in the reading of speeches today. Therefore, we take up central problematizations of the last phase of Foucault's philosophy and articulate them with a certain discursive materiality concerning the question of the body in the contemporary. We want to understand how the device analyzed by the French philosopher throughout the History of sexuality undergoes updates and remains in motion even today. We realize a certain discursive clash and its specific tensions between the government of the body's conduct and counter-conduct movements, working from the critique of self-government and possible modes of existence.

Keywords: Discourse Analysis. Michel Foucault. Body. Sexuality.

1 Doutorado (2007) em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, professor adjunto da Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão. E-mail: tonyfer@uol.com.br

2 Doutorado em Estudos da Linguagem, no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão. E-mail: m.viniuh@gmail.com

3 Mestranda em Estudos da Linguagem, pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL), da Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão (UFCAT em transição). Bolsista CAPES. E-mail: amandamantovani25@gmail.com

Introdução

Começamos com a elaboração de algumas questões a fim de organizarmos o trajeto pretendido e exequível para o presente estudo. Em *História da sexualidade*, precisamente no volume IV, *As confissões da carne*, Michel Foucault (2020) contribui com reflexões que refinam a própria Análise do Discurso (AD) pela perspectiva francesa? Colocamos esta pergunta no sentido de pensar como as ‘últimas’ pesquisas de Foucault podem nos (re)orientar para uma leitura dos discursos sobre a *carne*, hoje. A leitura foucaultiana sobre a experiência cristã com o corpo, o conduzir-se para uma vida virtuosa, também aciona novos horizontes para as potencialidades da análise discursiva?

Nesse sentido, nosso estudo se edifica sobre uma problematização teórica a respeito de algumas potencialidades presentes nos últimos escritos da filosofia foucaultiana, a saber, seus estudos sobre a sexualidade, naquilo que entendemos como práticas e técnicas de si. Assim, nossa metodologia se ampara em: a) um escrutínio sobre pontos relevantes de certo escrito específico de Foucault (2020); b) apresentação de materialidades discursivas contemporâneas que argumentam a ‘atualidade’ das propostas de leitura e temas abordados na filosofia foucaultiana; c) uma breve análise discursiva a partir das estratégias de leitura/reflexão do último Foucault.

Não é difícil encontrar discussões entre círculos de estudiosos da filosofia foucaultiana que se orientam por questões didáticas, apontando que em Foucault encontramos pelo menos três ‘períodos’ de seu pensamento. O primeiro orientado pelo fazer arqueológico, tendo como objeto o saber; o segundo que emprega uma estratégia/metodologia genealógica, tecendo uma análise do poder; e a última fase, já brevemente e muito ligeiramente mencionada, que são os estudos a respeito da sexualidade, que concernem

à experiência ética, ao subjetivar-se e ao cuidado de si (PRADO FILHO, 2018). A menção aqui é para situar de qual perspectiva específica de Foucault partimos, embora isso seja pouco prudente, visto que o mesmo Foucault⁴ já se dava conta, ainda ‘tardamente’, que desde seus primeiros estudos, o objeto era mesmo a produção de subjetividade. A partir dessa ideia, colocamos enquanto hipótese que acompanhá-lo em suas elaborações sobre as *confissões da carne* e os usos do corpo nos oferece uma rica chave de leitura discursiva para a análise do presente.

Para demonstrar tal percurso de estudo, após apresentar nossa leitura do último trajeto de pesquisa empreendido por Michel Foucault, em seu projeto explorador das artes da existência, construiremos uma análise discursiva com algumas potencialidades extraídas dali, tomando como objeto a questão da experiência com o corpo assinalada em enunciados que emergem em nossa atualidade. Frédéric Gros (2020, p. 8), em sua leitura do tomo IV da *História da sexualidade*, apresenta-nos que o ponto de gravitação da pesquisa foucaultiana é mesmo “a constituição de uma ética do sujeito.” Um projeto e trajeto empreendidos (e, relativamente interrompidos pela sua morte em 1984) por Foucault no que tange às suas últimas pesquisas. É a “genealogia do homem do desejo” (GROS, 2020, p. 9) arqueologizada via análise de textos dos primeiros séculos do cristianismo.

É desse ponto que indicamos a existência de uma leitura discursiva amalgamada no fazer genealógico, perspectivando parte da história cristã que ao mesmo tempo diz algo de nosso tempo, ou

4 Na verdade, Foucault (2006b, p. 95) entende que foi se “dando conta, pouco a pouco, de que existe em todas as sociedades um outro tipo de técnicas: aquelas que permitem aos indivíduos realizar, por eles mesmos, um certo número de operações em seu corpo, em sua alma, em seus pensamentos, em suas condutas, de modo a produzir neles uma transformação, uma modificação, e a atingir um certo estado de perfeição, de felicidade, de pureza, de poder sobrenatural”, nomeando tais “técnicas de técnicas de si”. Para a filosofia foucaultiana, isso se trata do exame e análise da genealogia do sujeito moderno, ou sujeito da civilização ocidental.

das políticas do presente. São questões a respeito dos usos e restrições do corpo, da *carne*. Amadurecido no seu gesto de pesquisa histórica, Foucault elabora uma leitura descentralizadora problematizando as artes da virgindade, artes da sexualidade de modo mais amplo e, também, questões acerca do casamento. Em outras palavras, entendemos que explorar e analisar detalhadamente exercícios de poder, bem como questões éticas que perpassam a experiência com o corpo, apontam para certo edifício da reflexão que se pode concretizar a partir de materialidades escolhidas, resultante de uma leitura discursiva.

Consideramos as idas e voltas pelos escritos de Michel Foucault como um mecanismo revitalizador da análise de discursos, impedindo que nossos gestos de leitura caiam em defasagem diante dos ‘novos’ enunciados que não param de emergir na trama histórico-social, e que dizem dos regimes de forças inerentes as nossas condutas, às prescrições e incitações para a construção de nossas experiências no mundo, com o corpo e a sexualidade. Afinal, como propõe Paul Preciado (2017, p. 26), nosso “corpo é um texto socialmente construído, um arquivo orgânico da história da humanidade”. Ler o corpo é possível, pois analisar enunciados é ler discursos inscritos em nossa pele, é desnudar códigos de condutas naturalizados. Apostamos assim, em analisar discursos pela perspectiva a nos amparar o encontro com possibilidades de (re)conhecer saberes e práticas que nos subjetiva. Ora, analisar discursos com Foucault é ler fios da imensa rede que formula e exclui formas de existir no mundo, próprio do gesto analítico foucaultiano a realçar aquilo que temos feito de nós mesmos.

Uma leitura da leitura de Foucault: a genealogia do homem do desejo arqueologizada nas confissões da carne

Compreendemos que Michel Foucault, enquanto filósofo, constrói uma maneira singular de análise de diferentes materialidades, seguindo pelos enunciados que formam os discursos, práticas e que compõem o arquivo de dada racionalidade histórica. Encontramos o seu método de leitura melhor esquematizado em *A Arqueologia do saber* (1969/2016), obra em que o pensador está interessado em apresentar os conceitos e as regras de prudência para acioná-los na análise discursiva. Contudo, diante desse livro, não seria estranho dizer que os leitores de Michel Foucault às vezes possam se sentir pesarosos dada a carência de um exemplo prático mais robusto da análise de enunciados funcionando⁵. Segundo Deleuze (2013), ainda que nos escritos de Foucault tenhamos exemplos práticos antes de seu livro-método arqueológico, deparar-nos-emos com maior clareza a respeito de sua leitura diagonal que escapa das verticalidades e das lateralidades nos livros posteriores à *Arqueologia*, em que se ocupa de focos difusos do poder via leitura de enunciados, dispositivos e práticas que versam, por exemplo, sobre o tema da sexualidade.

Assim, entendemos que uma das saídas é articular a leitura de pelo menos duas obras, a primeira, *A Arqueologia do saber*, e outra qualquer em que Foucault está empenhado em examinar diferentes enunciados devidamente produzidos⁶. Em nosso caso, acionamos *História da sexualidade*⁷. Portanto, apresentamos nos parágrafos seguintes a leitura de Foucault, a leitura da leitura do mesmo

5 Ainda que Foucault (2016) apresente um exemplo ou outro em seu texto, entendemo-los como demasiadamente ligeiros e insuficientes para darmos conta de toda intensidade que é o funcionamento de seu método e sua miríade de noções.

6 Aos que ainda leram muito pouco ou nada de Foucault, consideramos e repetimos, também, a preciosa dica de Deleuze (2017, p. 11) ao apresentar *Vigiar e punir* (1975) como valioso livro a nos orientarmos no tateamento inicial do pensamento foucaultiano, pois “o pensamento de Foucault não é simples”.

7 Vale lembrar que *História da sexualidade* está publicado no Brasil dividido em 4 volumes, contudo, estes tomos formam um todo. Nosso interesse em particular é o volume 4, *As confissões da carne*, o que não nos impede de acionar algum outro trecho de outra obra para tornar nosso estudo mais coeso e cristalino ao leitor.

Foucault, na tentativa de evidenciar esse ‘laço’ fundamental entre seu método de análise e seus trabalhos últimos de pesquisa, ao mesmo tempo em que pinçamos reflexões que nos ajudam a refletir sobre o pensamento ocidental hoje. Tarefa árdua, convenhamos.

A leitura foucaultiana que evidencia uma perspectiva bastante específica sobre a experiência cristã e as condutas das práticas sexuais, ganha os primeiros contornos a partir dos escritos de Clemente de Alexandria, especialmente a partir destes do final do século II, a constar, *Les Stromates* e *Le Pédagogue*, que inclui também *Le Protreptique*, a primeira obra da trilogia. Embasar-se no exame de materialidades discursivas diz do método arqueológico, passagem em que Foucault (2016, p. 123) salienta que analisar o enunciado é entender que este possui “uma substância, um suporte, um lugar e uma data.”

Particularmente na materialidade, nos enunciados de *O Pedagogo*, Foucault (2020, p. 36) encontra e explora uma “justa economia dos prazeres”. E, embora distante do que posteriormente se firma em Santo Agostinho, já se estabelece ali, o enlace entre três importantes vertentes: natureza, razão filosófica e palavra divina, que formam uma “tripla determinação” para que as prescrições fossem não só seguidas, mas também justificadas. A fé, em Clemente, tem a razão/filosofia como ferramenta reparadora e apoio. Acompanhamos o exame de textos que auxiliaram a propagar as práticas que intuem a (re)qualificação do prazer, a elaboração de certo governo das condutas e dos corpos.

Ressaltamos que não vislumbramos percorrer por todos os autores e materialidades analisadas e problematizadas por Michel Foucault no último volume de *História da sexualidade*, uma vez que demandaria vasta pesquisa e análise. Pretendemos, pois, caminhar por alguns fios possíveis no sentido de explorar e refletir sobre as

relações éticas sustentadas pelo discurso religioso que ainda incidem sobre os sujeitos e seus corpos, ao mesmo tempo que tomamos nota das estratégias de leitura confeccionadas por Foucault. Trata-se de um gesto teórico-analítico que propicia pensarmos sobre práticas hodiernas que disciplinam e castram as *invenções de subjetividade*, interrompendo a “criação de novos modos de existir” (RAGO, 2013, p. 24); esse movimento entendido por Foucault como contraconduta, sintoma que multiplica saídas no/do poder pastoral, “cujo papel é velar permanentemente pela vida de todos e de cada um” (FOUCAULT, 2006a, p. 366). Nesse sentido, entendemos que a contraconduta seria um efeito possível quando a lógica do governo de condutas a que ela responde passa a ser apreendido e evidenciado a partir de sua codificação. Pensamos, inicialmente com Foucault, sobre a utilização dos corpos.

O *Logos* traçado é claro: os corpos são utilizados em razão da fé, cuja finalidade está centrada na procriação. As relações sexuais devem passar pelos crivos ético e moral cristãos, que por sua vez, não surgiram isoladamente, e sim apoiados em muitos textos filosóficos e também da moral pagã. É o que Foucault (2020, p. 70) entende como uma “codificação ‘clássica’”, já que é possível observar “os mesmos interditos (o adultério, o excesso, a corrupção das crianças, as relações entre homens), as mesmas obrigações (ter em vista a procriação quando nos casamos e quando temos relações sexuais), com a mesma referência à natureza e a suas lições.” O matrimônio e suas prescrições incidem sobre a condução das práticas entre os cônjuges, definindo dado regime sexual:

[...] a ligação entre eles não deve ser da ordem do prazer e da volúpia, mas do ‘Logos’; não se deve tratar sua mulher como uma amante, não dispensar a semente de forma inconstante, manter os princípios da sobriedade – regras que os próprios animais respeitam-. Esta ligação não

deve ser rompida; e, se o for, deve-se renunciar ao recasamento enquanto o cônjuge ainda estiver vivo. Enfim, o adultério é proibido, e deve ser castigado (Ibid., p. 35-36, grifo do autor).

Além disso, reservar as relações sexuais ao período noturno e em dias específicos, jamais quando o corpo da mulher não estiver apto à fecundação, como em período menstrual ou em gestação. Dessa maneira, o que é ensinado pelo *Pedagogo*, que “é, pois, o próprio Cristo” (Ibid., p. 26), tem como objeto as relações sexuais, pautando-se no preceito de que os homens que seguem o *Logos* de Deus exercitam o pensar, debruçam-se na razão em busca de condutas livres de excessos. Com essa prescrição, está a proposta da alma a ser salva mediante uma decisão racional. Para assim sê-lo, a sexualidade converge ao princípio divino “multiplicai-vos”, cujo objetivo central desloca da multiplicação familiar em benefício individual ao processo colaborativo da criação do homem, que é imagem e semelhança do próprio Deus (FOUCAULT, 2020).

Avançando a pesquisa histórico-analítica, Foucault pondera que as relações sexuais, o matrimônio e a procriação passam à segundo plano, isso porque lançam luz às experiências, ao governo de si, à “relação de si para consigo e uma certa relação entre o mal e o verdadeiro” (Ibid., p. 72). Com a disciplina penitencial e a ascese monástica, constituiu-se o Império cristão. Ao longo dos séculos II, III e IV e, em particular, mediante o rito do batismo, o exercício de si é intensificado. Em Justino, o batismo é capaz de proporcionar àqueles que creem, a remissão dos pecados e o acesso à verdade. Os quatro efeitos do procedimento inscrevem nos sujeitos o contato com o divino, a possibilidade de se aproximar de outro estado que não seja aquele de imperfeição. O batismo *lava, marca, faz renascer e ilumina* (Ibid., p. 76-77).

Foucault traz minúcias do discurso cristão para pensar a condução dos corpos, e articula esses

enunciados com o funcionamento da literatura médico-moral a ela relacionada, aproximados pelo tempo e temas, que muito tem a ver com as verdades produzidas sobre os corpos. Uma leitura de materialidades que diz das percepções e construções dos corpos e seus usos, são pressupostos filosóficos, médicos e morais em batimento com observações do mundo das plantas e dos animais para argumentar uma conduta estipulada a ser concretizada no cotidiano, pois Foucault está diante de certos escritos, portanto enunciados, que apresentam o *Logos* que é complexo, multirreferente, elaborado com diferentes vozes, articulados por um ou outro autor. Entender o autor como lugar e função, lugar vazio em que diferentes sujeitos podem ocupar, para repensar o sujeito não mais originário do discurso e colocar as materialidades escritas como testemunho do pensamento de certa formação histórica (FOUCAULT, 2016).

Nessa leitura foucaultiana, vemos o ‘passo a passo’ da colocação das vigas de sustentação da economia pastoral. A regulação das condutas toca o íntimo, seu efeito é se apropriar dos pensamentos dos sujeitos para que, enfim, seja capaz de torná-los pastoreáveis. Mais eficiente que designar-lhes vigias morais externos, é firmar-lhes a condição de seu próprio vigilante conforme o regime de verdade instituído. Os procedimentos se iniciam antes do sacramento, em que a *metanoia*, ou *paenitentia*, reforçam a ideia do (re)conhecimento de sua falibilidade, da necessária humilhação “da alma que pecou”, instaurando provações, voltando-se contra o mal em favor de um caminho benevolente; mudar sua vida abrindo-se à luz, à verdade (FOUCAULT, 2020, p. 79-80).

Adiante, Foucault observa que a partir de Tertuliano as tecnologias de salvação apresentam outras nuances, importantes mecanismos ligados a implementação do preparo, significação e eficácia do rito. Duplica-se “a catequese e o ensinamento das verdades e das regras com um trabalho de

purificação moral” (Ibid., p. 87). É necessário manifestar a verdade da alma por meio da disciplina e da *metanoia*. Questão de exercício. E para atestar a veracidade de suas condutas, pensamentos e pureza de sua alma, medidas interrogatórias, provas de exorcismo e de confissão. Esta última adquire estatuto do “dizer verdadeiro”, o manifesto da verdade, o arrependimento dos pecados e a ruptura: “corte do tempo, renúncia ao mundo, inversão da vida e da morte” (Ibid., p. 141), à medida que o batismo proporciona o renascimento, a morte de uma vida d’antes em detrimento de uma verdadeira vida por vir.

Considerando que um cristão pode reincidir suas faltas mesmo após o rito de renascimento, a prática inicial da penitência retorna como medida necessária, cuja condução dos procedimentos deve ser concedida. Analisando, especialmente, escritos de Santo Ambrósio e São Cipriano, Foucault (Ibid., p. 129) explica que o processo de reconciliação com a cristandade e o perdão “não podem ser obtidos sem a execução de todo um conjunto de procedimentos de verdade”, pois incluem as “declarações que o pecador pode fazer no momento de solicitar a penitência até as grandes expressões de humildade e de súplica [...]”. Novamente, coloca-se a indispensabilidade da exterioridade, pois é pela aprovação de outrem - e este reconhecido como representante da divindade em solo terreno, que se vislumbra o perdão e o retorno à decência.

Para tanto, São João Crisóstomo propõe o desempenho do exame. Examinar a si mesmo de forma a fazer operar a busca pela origem das ideias e dos pensamentos e não a separar o verdadeiro do falso. Apenas dessa maneira o sujeito seria capaz de ressignificar suas condutas, governando verdadeiramente a si uma vez que consegue reconhecer as ilusões e as perdições que o invadem, diferenciar qualitativamente os pensamentos (FOUCAULT, 2020). Nesse exercício, a partir de São João Cassiano é notável alguns eixos particulares

para se manter austero no caminho da fé, sendo eles a *direção* das almas, a *obediência* exata, o *uso da discricção* e o *exame-confissão*. Ser, pois, obediente, permitindo-se ser conduzido, examinando-se e confessando-se perpetuamente. Dentre os múltiplos efeitos dos elementos que compõem esse dispositivo⁸ de controle, a abdicação completa do eu e a súplica pela aprovação alheia, “em que a pesquisa da verdade de si deve constituir uma certa maneira de morrer para si mesmo” (Ibid., p. 190).

Ao trazer essa história da experiência de si, e com isso a obrigatoriedade do então pecador ter que anunciar a verdade, impele os indivíduos a não poder responder o ‘não sei’, pois não confessar a verdade (ainda que sua) é uma falta grande por demais. Eis como a Igreja cristã concretiza a obrigação de verdade. É aí que o modelo médico se aplica, pois os pecados seriam feridas necessitando do remédio da penitência, imbricamento de discursos médicos e monásticos. O padre ocupa o lugar do médico já no século XII, pois o pecador é uma espécie doente necessitando de intermediações para a cura, efeitos terapêuticos que serão pagos pela moeda da verdade. Não muito distante do modelo médico, também se aplicou o modelo judiciário, em que o padre é o juiz desse tribunal onde há faltas, confissões e sentenças.

Ora, já não mais se dialoga diretamente com Deus, ao menos, há uma soma, confessa-se ao padre e a Deus num só tempo. Independente do modelo, médico ou judiciário, os fins são semelhantes, o manifesto da verdade para alcançar o perdão dos pecados. É a penitência tomando o espaço antes ocupado pelo martírio. Contudo, são práticas difusas. Não devemos entender que tal experiência fora homogênea e universal. Convergem as difusões de práticas com o tema da vigilância e o controle

8 Para Courtine (2013, p. 27, grifo do autor), os discursos só podem ser devidamente compreendidos a partir do que “Foucault denomina ‘dispositivo’, isto é, de um conjunto heterogêneo de instituições e de leis, de coisas e de ideias, de atos e de práticas”, de maneira a incluir ditos e não ditos devidamente articulados e encarnados na sociedade.

atento do sujeito, tendo a ver com a experiência e o exame de si. Tratam-se aqui, de positivities, ou seja, o que Foucault (2016, p. 251) entende como “conjunto das condições segundo as quais se exerce uma prática”.

Todas essas considerações não estão dadas. São construídas pela estratégia de análise e leitura de Foucault ancoradas nas linhas dos ‘temas vizinhos’ da própria relação entre os diferentes textos, para evidenciar a maneira como os enunciados tecem relações. Os temas estão em textos/livros que pela perspectiva do enunciado são nós em uma rede, complexa, daí a necessidade de considerar suas margens e suas relações no lugar de pensar como uma unidade imediata, homogênea e certa, pois essas margens ultrapassam o sujeito psicológico e qualquer intenção autoral. É necessário, portanto, colocar no horizonte as questões e relações possíveis de um enunciado: entre/com outros enunciados; do conjunto de enunciados que constitui certo discurso e a relação que mantém com os demais; os elementos heterogêneos que o compõem, incluindo o não discursivo; a posição de sujeito possível de ser ocupada; enfim, questões e relações de exercício concernentes ao que Foucault coloca como *função* enunciativa (FOUCAULT, 2016).

Logo, em seu ‘método’ de leitura, vemos a análise foucaultiana corriqueiramente atenta a apresentar as questões importantes que devem permanecer abertas a futuras análises, outras relações a serem alcançadas, no sentido de muitas perguntas emergirem na construção da reflexão sobre um enunciado/texto, às quais não merecem uma resposta superficial. Por exemplo, o texto de Clemente influencia diretamente o texto de *Método*, de Olimpo? Dessa maneira, Foucault consegue apreender as sutilezas do embate entre casamento e virgindade de determinada época, mostra-nos os paradoxos e as contradições. Afinal, para Foucault (2016), muitas das continuidades do discurso são elas de uma coerência plástica, assim,

contradição e coerência convivem, às vezes em disputas, no interior do discurso cristão que mirava a “boa” conduta da existência, conduta do corpo, construção de certa experiência.

Foucault, por exemplo, entende que no jogo de conduzir condutas, a virgindade está posta como ato livre, como uma escolha, e não exatamente como uma lei e interdito. A partir desse apontamento, podemos comparar como a virgindade aparece no discurso hoje, ou seja, haveria uma continuidade no sentido também de ato livre? Como são os nossos discursos concernentes a liberdade e escolha da experiência sexual? Seria preciso a descrição das (des)continuidades e também das contradições para darmos conta de tais questões, a partir de materialidades do nosso contemporâneo. Mas como é a problematização foucaultiana sobre a virgindade?

Abordando o tema da virgindade, a pureza da alma e o conhecimento de si, Foucault subsidia seu exame sempre em dois textos ou mais, reiterando os procedimentos arqueológicos quando diz que a compreensão de um enunciado se realiza por meio do estabelecimento de “suas correlações com os outros enunciados” (Ibid., p. 34). O filósofo demonstra como os textos analisados retomam escritos anteriores, na medida em que os mais recentes reinterpretem outros mais antigos. Nessa leitura, o autor vasculha os posicionamentos dos sujeitos materializados nos textos, recupera o funcionamento das instituições de suas épocas e operacionaliza uma análise cautelosa para não oferecer os exatos endereçados de cada texto analisado, obviamente por se tratar de discursos de um tempo que circulavam à revelia dos propósitos individuais autorais.

Os textos, em sua materialidade, existem e circulam em dada racionalidade histórica. Estas são as poucas certezas apresentadas por Foucault, em nossa leitura, que fique claro. A leitura foucaultiana articula diferentes escritos para demonstrar como

funciona o nicho de prescrições e sugestões que faziam parte de um jogo discursivo organizador de certa experiência, a relação consigo mesmo na ordem cristã, enunciados que testemunham práticas e processos da vida pastoral. É nesse movimento de descrever enunciados que Foucault se depara com a ‘novidade’ da busca pela *pureza de coração* e o *combate espiritual*, que se juntam no exercício da contemplação, prática monástica e a continência.

A castidade como via da pureza, a pureza como preparação para o conhecimento espiritual, as regras para engendrar comportamentos a tolher a euforia e alvoroço dos pensamentos se configuram como exercícios para mitigar e suprimir a desorganização da imaginação. Foucault demonstra como um tema aparece e funciona em um texto e noutro. Ao realçar as suas diferenças e recorrências, dá-se conta da existência de uma disciplina geral promovida, atestada por diferentes materialidades, cujos vocabulários próprios, ora com palavras próprias da área da guerra, ora alusões ao atletismo; treinos, exames e métodos são incitados para o “trabalho de si sobre si” (FOUCAULT, 2020, p. 285). São referências ao caminho para a ascese, um combate para superar ‘adversidades’ que residem nas imediações da alma, no entre corpo e alma.

A ética cristã propondo o trabalho incessante de impedir que o “Inimigo” nos agite a alma, um combate de deciframento daquilo que passa em nós e nos afeta. Nesse ínterim, Foucault (2020) está se dando conta de outra noção nova, a “tentação”. Eis que a leitura de enunciados nos agracia com esse rastreio de singularidades. Na ética cristã, a tentação aparece como unidade dinâmica própria das relações de si com o que é externo, mas que está imediatamente intrínseca à reflexão de si para si. Aí está a preparação para pensarmos o lugar que ocupa a fornicação, que diz de “vícios” naturais que acionam a participação do corpo.

Foucault, interessado nas relações entre os textos, sejam elas de causalidade ou cumplicidade,

está atento às diferentes maneiras pelas quais são apresentados o tema do combate espiritual que só pode ser operacionalizado na materialidade do corpo. Afinal, em seu exame, nota que ainda não é tempo da cisão inaugural da dualidade entre corpo e alma, pois estamos numa leitura discursiva que evidencia o exercício da vigilância colocado como “centro da tecnologia de si” (Ibid., p. 307), o fazer ininterrupto sobre o próprio pensamento, a análise permanente própria da vida monástica.

Quando a análise foucaultiana apresenta a tessitura de relações entre diferentes textos-enunciados, dando conta que o corpo passa a ser tematizado pela virtude, pelas regras de vida e a valorização de continências, torna cristalino para nós, hoje, o inaugurar de um domínio do pensamento, ou seja, a construção e abertura de algo além de códigos e interdições. Segundo o filósofo (Ibid., p. 310), trata-se de “levar o mais longe possível o exame dos movimentos de pensamento”, com o intuito mesmo de expulsar impurezas dali, constituindo certa “subjetivação em forma de busca da verdade de si” efetuada via “relações complexas com os outros”. É a questão da subjetivação intrínseca à ética sexual em sua produção ininterrupta da verdade sobre si, suscitando o intenso combate espiritual. Elementos elaborados de modo progressivo no cerne do cristianismo, tributários das “tecnologias de si desenvolvidas na vida monástica” (Ibid., loc. cit.). A virtude colocada com o tema da virgindade aparece também no matrimônio.

Nessa passagem da leitura de Foucault, percebemos o filósofo considerando número e recorrência de textos/escritos de determinado tema. Isso é importante para começar a pensar a presença ou não da constituição de uma arte da existência específica para a vida matrimonial. Entre exercícios e outras propostas de relação de si para si, as reflexões sobre o casamento trouxeram o sentido de uma espécie de ofício cristão, pois vemos como

“a Igreja cristã ocupa cada vez mais facilmente e visivelmente funções de organização, de gestão, de controle e de regulamentação da sociedade” (Ibid., p. 314). Coloca-se, então, os indivíduos sob dupla pressão, oriunda do modelo de vida monástico que promove práticas para a ascese, e a pressão outra do encontro com a instituição eclesiástica e a organização do Estado.

A leitura de Foucault (Ibid., loc. cit.) evidencia como a “vida dos indivíduos, naquilo que ela pode ter de privado, de cotidiano e de singular, torna-se, assim, objeto, se não de um encargo, ao menos de um cuidado e de uma vigilância”. Pensamos se isso não diz dos dispositivos contemporâneos, se não haveria articulação entre Estado e instituição religiosa, certa trama de tecnologias de si que solapam as fronteiras do privado? A referência pode ser tanto ao início do século V como ao tempo de hoje, no qual o pensamento cristão ainda vigora trazendo a exigência da universalidade, mesmo que não praticada por todos, mas se apoiando na base institucional para promover princípios gerais, sendo o casamento uma peça fundamental para a generalização.

Desse modo, pensando com Foucault, observamos as generalizações, extraímos o que delas se torna concreto, furtando-nos compreendê-las enquanto uma promoção inequívoca que se candidata e atinge a nível do ‘para todos’. Acompanhamos, na verdade, como “o desenvolvimento da administração imperial e o apagamento progressivo dos poderes tradicionais” terminam por colocar à “família, entendida como célula matrimonial, um papel cada vez mais importante: eles faziam-na aparecer como o elemento de base da sociedade e o ponto de articulação primeiro entre a conduta moral dos indivíduos e o sistema das leis universais” (Ibid., p. 316); o que retira a possibilidade de colocar toda a importância na instância da procriação como elemento fulcral vinculado às relações sexuais

entre esposos. Com Foucault, vemos como há nas relações sexuais, no casamento, a dupla interferência do discurso da ascese cristã e das estruturas estatais.

Esse interesse de Foucault (2020) em estudar o tema específico da arte da vida matrimonial se inicia na leitura das homilias de Crisóstomo, tomada de forma privilegiada, devido estar diante de uma grandiosa dispersão em certa literatura. Ao trazer de forma ligeira alguns dados biográficos de Crisóstomo caros ao tema, o filósofo apresenta a identidade do texto a ser examinado. Alerta sobre a multiplicidade de questões para pensar essa arte, tema que perpassa pela pastoral do casamento. Deixa-nos evidente que os textos testemunham o pensamento de que os casados ocuparam, desde muito, lugares díspares. Trata-se do princípio da desigualdade natural, pois a mulher é criada por Deus para servir como um auxílio ao homem, e entre a proteção e autoridade do homem, a mulher se reserva à submissão. Há ainda um princípio de complementaridade ‘subversivo’ de certos pontos negativos da assimetria natural, pois a cada um lhe compete deveres e atividades que se completam. O homem participa e decide as questões públicas, a mulher decide e governa em casa. Assim, ninguém tenta ocupar o lugar do outro. A paz reina, não há revoltas.

Ainda, Foucault enumera os princípios que organizam a conduta do casamento sob a égide cristã. A mulher, por exemplo, aparece em certa ‘hierarquia natural’, que quando “praticada” e respeitada tal hierarquia, guarda-se bênçãos para si. O casamento como impositor de limites ao desejo do corpo. O casamento e a economia da concupiscência. Ambos indivíduos, dentro do casamento, buscam certo ascetismo. Obrigações de um com o outro. Devoção. Comum acordo. Foucault (Ibid., p. 344) observa que há ali no plano das relações sexuais, e exclusivamente nele, o “princípio de igualdade formal e jurídica”, enquanto nos outros tantos planos, a assimetria

imperava, a hierarquia naturalizada torna a relação homem e mulher algo desigual.

A leitura foucaultiana apreende o emprego do vocabulário político e jurídico por parte de Crisóstomo que propõe a igualdade nas relações sexuais, “os direitos de um fixam os deveres do outro” (Ibid., p. 345). Vemos, assim, a ideia de propriedade, fraude, trocas econômicas, justiça e injustiça serem questões para o casamento, afinal, no casamento o corpo do outro agora é pertencimento de outrem. Questão de bens. Internamente, no casamento, há propriedade recíproca dos corpos, contudo, isso se desdobra no sentido da responsabilidade mútua sobre os pecados do outro, eis o dever conjugal proposto em Crisóstomo: o casamento como profissão, pois é nele que se trabalha para salvação bilateral.

Se Foucault (2020, p. 350) ressalta que Crisóstomo não é o indivíduo que inaugura a questão das análises das relações conjugais, este, enquanto autor, é na verdade para sublinhar que se trata apenas da “testemunha de um pensamento” de determinado tempo. Lendo textos como de Crisóstomo nos daremos conta da existência da formação de uma “pastoral da vida conjugal” (Ibid., p. 351) atrelada a um edifício jurídico a ser erguido durante a Idade Média, que regerá as relações conjugais. É o que Foucault (2020, p. 351) entende como “juridicalização da prática sexual” e o surgimento da noção “dever-dívida” que ganha importância sobre a procriação. Contudo, persiste o tema da relação consigo, mas afetada pela relação com o outro. Produz-se um direito interno na relação, conserva-se a relação de si para si. O casamento, como obra de Deus, e a constituição da sociedade são elementos que ainda subsistem nos dias de hoje.

Presenciamos Foucault (2020) desvelar em sua análise discursiva a ‘novidade’ da *libido*, a ideia que se apodera do corpo inteiro, mistura as paixões

e a vigilância se torna claudicante. O que é próprio da violência da volúpia, da movimentação da carne. No percurso foucaultiano são identificadas questões importantes a respeito da maneira como a teologia cristã se edifica, bem como alguns princípios fundamentais para a nossa moral, hoje. Só haveria relação sexual sem *libido* se se torna “integralmente habitada pelo sujeito voluntário” (Ibid., p. 413), logo, a vontade, que é da ordem do comando, da mesma maneira que rege os movimentos dos braços e das pernas, também poderá exercer o domínio sobre o restante da carne. A conjunção “sexual do paraíso”, os movimentos são ordenados assim como faz um “artesão reflexivo que sabe se servir de suas mãos. *Ars sexualis*” (Ibid., p. 414). Aí está uma aproximação com a abstinência promovida em discursos contemporâneos, demonstrando como somos os artesãos dos atos de nossos corpos. Questão de vontade.

Contudo, em Santo Agostinho, a *libido* veio com a falta e a queda do homem, efeito da desobediência, pecado original. É a trama da possibilidade de um governo das condutas em Santo Agostinho. A consideração que a vontade não é o bastante para controlar os movimentos do corpo arrebatado pela *libido*, esta que é participante “de uma natureza estrangeira ao próprio sujeito” (Ibid., p. 426). Nessa perspectiva, é a queda, o pecado original que inaugura e introduz o movimento involuntário ao humano; depravação da natureza humana, é a vontade dissociada, ou vontade contra si, cindindo o sujeito que agora quer o que não quer, eis o preço da desobediência. É o “involuntário da própria vontade”, dirá Santo Agostinho, colocando a alma enquanto sujeito, na perspectiva de Foucault (2020, p. 431). A essa altura, vemos a leitura foucaultiana acionar a pesagem dos valores dos enunciados, a rarefação própria quando se consegue descrever algumas linhas de seu sistema singular (FOUCAULT, 2016), a raridade própria que não é medida pela verdade, mas por

sua riqueza indefinida, suas regras de surgimento de conjuntos significantes.

Se mencionamos o efeito de raridade é por entendermos que as materialidades mobilizadas por Michel Foucault no quarto volume de *História da sexualidade* trazem enunciados específicos, caros ao seu movimento analítico e, portanto, trazem consigo três importantes fatores, sendo eles a *raridade*, a *exterioridade* e o *acúmulo* (FOUCAULT, 2016). Os três elementos integram os enunciados uma vez que dado conjunto de signos adquire função enunciativa. Embora sejam compreensões densas, ressaltamos a primeira de forma que as sequências enunciativas utilizadas por Foucault (para análise, problematização e desenvolvimento de seus estudos) emergem em dada racionalidade histórica, em um campo de utilização. Assim, a análise de discursos possibilita escandir sua localização em meio a outros enunciados enredados e analisar de que maneira ocupam tal posição; “como ele se isola na dispersão geral dos enunciados”, para que, enfim, se possa recolhê-los “em totalidades que os unificam e multiplicamos os sentidos que habitam cada um deles” (Ibid., p. 147).

Percebemos Foucault esmiuçar todos os esquemas utilizados por Santo Agostinho para estabelecer as suas argumentações promotoras de certo governo das condutas, o que faz emergir e o que é excluído em seu dito. Tal escrutínio é importante pois nos mostrará aspectos compositores de parte do pensamento ocidental contemporâneo sobre o sexo. Nascemos como sujeitos de concupiscência, isto é, nossa estrutura é desta falha, falta, do involuntário próprio de nossa natureza, o desejo. A *libido* é a “forma sexual do desejo”, é própria da “estrutura ‘enferma’ do sujeito” (FOUCAULT, 2020, p. 435, grifo do autor), é o pecado. Eis o motivo da danação daqueles que irão falecer sem passar pelo batismo.

Por conseguinte, Foucault está atento aos efeitos e às consequências de discursos que a teoria

agostiniana fez circular. O governo das almas se desdobra nas regras da conduta dos corpos e em formas de como experimentar a sexualidade, mas não só, diz de formas de subjetivação específicas. Tem a ver com a maneira do pensamento ocidental se orientar, em partes, pela culpa, pela falta e a questão do *objeto* de desejo. Por conseguinte, não é o mesmo Foucault (2016, p. 220) que diz da análise das positivities e das práticas discursivas como caminho para nos depararmos com o saber intrínseco a certo conjunto de condutas e suas respectivas singularidades? saberes independentes das ciências, definidos por suas ‘possibilidades de utilização’ e apropriação discursiva.

Difícilmente poderíamos pensar a análise de positivities longe de uma articulação entre elementos heterogêneos. Na análise discursiva, depreendemos as positivities e a construção de singularidades históricas a partir da relação entre muitos elementos heterogêneos que funcionam nos dispositivos. Conforme nos alerta Courtine (2013), pensar o discurso é pensar sua imanência no dispositivo, e compreendê-lo em sua existência tanto material quanto histórica. Com o propósito de tornar esse apontamento mais cristalino, passamos para a leitura de alguns rastros da imensa rede do dispositivo da sexualidade hoje, partindo de alguns enunciados contemporâneos.

Corpo-carne, objeto de disputa

É considerando esse campo e as regras de utilização, a partir dos quais se pode analisar aspectos específicos da irrupção de acontecimentos, “do campo dos acontecimentos discursivos” (FOUCAULT, 2016, p. 33), que vemos, particularmente, o movimento analítico de discursos e as ferramentas de análise empreendidas por Foucault no livro de 1969 serem fortes estratégias de análise do presente. Se o enunciado, componente mínimo dos discursos, jamais se

encontra isolado e não se repete inteiramente, cada sequência enunciativa que emerge ao longo dos séculos está enredada numa trama complexa tecida e atualizada nas (des)continuidades da história. A leitura de Foucault sobre o dispositivo da sexualidade remonta a um princípio dos séculos II, III, IV etc. valendo-se de discursos cujos enunciados selecionados não aparecem sozinhos, mas em diálogo, sendo possível problematizar “a relação dessas afirmações com outras proposições, suas condições de utilização e de reinvestimento, o campo da experiência, de verificações possíveis, de problemas a ser resolvidos, ao qual podemos remetê-las” (Ibid., p. 126).

Nesse viés, afirmamos que o que por vezes se entende como ‘práticas contemporâneas’ ou ‘novas manifestações’, reúnem discursividades, condutas e efeitos acionados por dispositivos que também se movimentam conforme as atualizações sócio-histórico-culturais. Logo, são dispositivos cujos elementos constituintes circulam há tempos; e no caso do corpo, dos usos da *carne*, Foucault demonstra em seus estudos o quanto os múltiplos conhecimentos incidem sobre os sujeitos desempenhando efeitos estratégicos. A intensidade da circulação dos enunciados é tamanha que, no Brasil por exemplo, desde 2018, vemos irrupções bastante atravessadas pelo conservadorismo, lançando luz sobre os corpos, dentre eles, especificamente, o corpo-mulher em sua coletividade. O que se percebe é a infiltração recorrente do discurso religioso no âmbito político, produzindo efeitos estratégicos sobre as condutas dos sujeitos e o domínio de suas subjetividades.

As discussões sobre sexualidade e gênero, amplamente negadas e atacadas por parte da população que defende o conservadorismo, contraditoriamente são muito empregadas, seja em forma de notícias falsas, como a afirmação da existência de uma cartilha para educação sexual contendo sexo explícito elaborada pelo Ministério

da Educação (MEC) (EXTRA, 2018), ou em empreendimentos produzidos por órgãos do governo. Em 2020, acompanhamos a campanha do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH), encabeçada pela ministra Damares Alves, que visava a promoção da abstinência sexual. Nesta reportagem do *Grupo Abril*, o texto é publicado na coluna que trata sobre política. Do título “‘Tudo tem seu tempo’, prega campanha de Damares por abstinência sexual” (ZYLBERKAN, 2020, n.p.), destacamos o verbo-enunciado “pregar”, com o objetivo de introduzir e fixar, estratégia amplamente utilizada no sentido de socialização religiosa da pregação.

O título da reportagem demarca certos posicionamentos discursivos que acompanham o governo federal brasileiro desde 2018: a discursividade religiosa como estratégia de construção e permanência de base de apoio a uma orientação ideológica específica, fundamentalista e conservadora. Formação discursiva de nosso tempo, articular política e religião em temas de políticas públicas de saúde. Descarta-se em partes o que há de produção e contribuição do âmbito científico em prol da promoção da saúde para a população, em privilégio de campanhas de promoção ‘comportamental’. Discurso de estímulo ao adiamento de relações sexuais, argumentado como método contraceptivo. Nas palavras de Damares à revista *Veja*, “A proposta de retardar a medida da iniciação sexual é o novo, é a nova proposta” (Ibid., n.p.). Contudo, na mesma reportagem, há a réplica da Defensoria Pública da União questionando a campanha, que argumenta a carência de evidências científicas a sustentá-la.

Enunciados a respeito das condutas sexuais têm emergido com sentidos de dupla via. Na ausência do conteúdo ético em que se alarga a reflexão coletiva, incute-se a decisão individual por dois caminhos propostos de antemão. Em primeiro lugar, abraçar a campanha do pastoreio

do corpo que promulga a verdade do tempo certo de se relacionar sexualmente; ou, segunda opção, orientar-se pelo acúmulo de evidências científicas, com sua organização de dados e instrumentos metodológicos que oferecem o norte estatístico do que fazer com o próprio corpo. Estamos problematizando aqui, a lógica do discurso inerente ao dispositivo da sexualidade, que no intento do governo específico da condução das condutas sobre as relações sexuais, fica escamoteada a voz do corpo adolescente, corpo alvo e objeto de discurso. Corpos a serem conduzidos, subjetiváveis, pastoreáveis.

Se tudo tem seu tempo, deve-se esvaziar o investimento nas relações sexuais, não é um exercício para agora, mas noutra oportunidade, ou melhor, ‘no tempo certo’. Nega-se e se afirma o sexo, colocando-o em discursos. Desintensificar as relações sexuais em certa oportunidade, cuidado de si. Não há regras para uma arte do conhecimento de si, a atenção para o corpo é passiva, devendo o indivíduo ser ativo em eleger os caminhos dados, calculando as misérias e as fortunas oferecidas em cada via. Familiarização com eficácia, equação do corpo com as escolhas no horizonte. Relacionar-se sexualmente, no momento certo, procriar na oportunidade adequada. Dispositivo da sexualidade e sua lógica das etapas, fases de desenvolvimento e práticas predestinadas à aceitação ou à perversão recriminada. Discurso político-religioso a fragmentar o saber científico.

Negando em partes o que o discurso científico propõe para os jovens adolescentes, tais afirmações fazem uso deste objeto, a adolescência, objeto-tema inventado entre final do século XIX e início do XX, no seio de novas disciplinas como Biologia e Ciências Humanas (CÉSAR, 1998). Tema que desafia e reafirma a limitação e a improficuidade do manejo de médicos e especialistas, também, em lidar com os próprios objetos que constroem, histórico e discursivamente. Não é apenas uma

fase, faixa etária, que se torna objeto, mas o corpo, a sexualidade e seus usos. Objeto de disputa política, religiosa e científica. Corpos continuamente a serem educados. Corpos que necessitam de controle e da imposição de limites para integrarem grupos e assumirem ‘identidades honrosas’.

E se buscamos a preocupação de campanhas como essa acerca dos métodos contraceptivos, também podemos considerar outra importante problemática, o controle não de todos os corpos, mas em especial, das mulheres. Dentre as tentativas e estudos sobre pílulas anticoncepcionais para homens, para mencionar um exemplo, alega-se que os efeitos colaterais (pequenos, quando comparados aos inúmeros efeitos nos corpos das mulheres) e o pouco interesse por parte das farmacêuticas foram o suficiente para que não avançassem. Esse entrave é mais uma entre muitas outras situações em que a disparidade de gênero soa decisiva (VALENCIA, 2021). Discursos e práticas conservadoras também presentes no âmbito da saúde, contribuindo para a catalogação e a separação dos que podem ou não ser objeto de estudo e, neste caso, de intervenção, de ampla ministração de medicamentos e métodos invasivos. Práticas de governo intervencionistas no/do corpo.

Dessa maneira, entendemos que a sequência enunciativa extraída da fala da atual ministra do MMFDH não aparece isolada, e mesmo afirmando ser uma “nova proposta”, é acionada por um dispositivo nada inédito, menos ainda hodierno. Só foi possível sua irrupção uma vez que as políticas do presente funcionaram como imediações propícias para o surgimento e a circulação de posicionamentos opressivos, controladores e adoecedores. Não o bastante, em 2021, o evento intitulado *Semana Escolbi Esperar*, disposto no Projeto de Lei 813/2019 de 27 de novembro de 2019 promovido pelo vereador Rinaldi Digilio, na Câmara Municipal de São Paulo, desencadeou diversos enunciados-protesto. No *Relatório*

Detalhado, a gravidez precoce (foco das discussões), problemática na saúde pública, aparece vinculada diretamente à política de promoção da ideia de mão de obra ativa e adequada, dado que a gravidez ‘antes do tempo adequado’ gera gastos públicos e interfere na boa formação da massa proletária. Abstinência para a saúde da economia:

Entretanto, independentemente das causas e desejos de cada adolescente, fato é que a gravidez precoce é um problema de saúde pública, uma vez que causa riscos à saúde da mãe do bebê e tem impacto socioeconômico, pois muitas das grávidas abandonam os estudos e apresentam maior dificuldade para conseguir emprego (SÃO PAULO, 2019, p. 3).

Projeto que não prevê investimento na saúde pública, mas investe nos corpos para que a meritocracia e o individualismo se misturem por uma ‘livre’ escolha, que diz da ‘opção’ em decidir não ter filhos ‘antes da hora’. Mas ainda em Audiência Pública sobre o PL, posicionamentos contrários à *Semana* já se fizeram presentes, como demonstra a fala de Nalida Coelho Monte, defensora pública: “Para muitas crianças e adolescentes no Brasil, em especial meninas, a abstinência sexual não é uma escolha possível e não será por meio dessa política pública que se reduzirá a possibilidade de gravidez indesejada na adolescência” (CÂMARA, 2021, n.p.). Nalida aponta dados alarmantes relacionados à violência sexual contra crianças e adolescentes, fundamentando o argumento de que a conscientização pela não iniciação às relações sexuais não depende exclusivamente desse público, mas de questões que extrapolam o pleno domínio de si. Questão de violência. Problema que assola o Brasil desde os primórdios de sua história e que não tem sido pauta tão recorrente por parte dos órgãos públicos quanto a preocupação com a sexualidade dos sujeitos.

Em meio às discussões acerca do PL, outros posicionamentos que se opõem à promoção da abstinência sexual também foram veiculados por diversos *sites* e compartilhados em redes sociais, como foi o caso do protesto inspirado no romance da escritora canadense Margaret Atwood, *The Handmaid’s Tale* (1985), como é possível visualizar nas Figuras 1 e 2 abaixo:

Figura 1: “Feministas protestam em São Paulo contra projeto de abstinência sexual”.



Fonte: Brasil de Fato, via Instagram, publicado em 7 de julho de 2021. Captura de tela realizada com a Ferramenta de Captura 10.0.19043, da Microsoft Windows. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CRC2Icnpy7M/>

Figura 2: Registros do protesto contra o PL 813/2019. (Publicação sem título)



Fonte: Católicas pelo direito de decidir, via Instagram, publicado em 7 de julho de 2021. Captura de tela realizada com a Ferramenta de Captura 10.0.19043, da Microsoft Windows. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CRCq80MHHgP/>

É importante ressaltar que o título que aparece sobreposto à imagem do grupo de mulheres que protestam diante da Câmara Municipal de São Paulo, na Figura 1, utiliza os termos “contra projeto de abstinência sexual”, ainda que os apoiadores do *Escolhi Esperar* reforcem sobre “a gravidez precoce” como “problema de saúde pública” e preocupação central na elaboração do texto do Projeto de Lei. Uma possível estratégia para que haja a internalização e a repetição de formações discursivas conservadoras no público alvo. Nesse sentido, os efeitos não recaem apenas sobre os corpos e as maneiras com que podem ‘desempenhar sua sexualidade’/usos de si, mas sobre suas subjetividades, escolhas, questão de pastoreio de suas almas, ou como coloca Atwood (2017, p. 231) “Obrigam você a matar, dentro de você.” Assim, as posições de resistência denunciam a urgência por políticas públicas que proporcionem efeitos reais, como a instauração de projetos voltados à Educação Sexual, na Figura 2.

Tal ‘desempenho’ nos lembra a reflexão de Pierre Bourdieu (2017, p. 161) a respeito das disposições subversivas à dominação simbólica e suas assimetrias das relações entre os sexos, pois o pensador observa que justamente virá do movimento feminista ampla contribuição para se ampliar a “área política ou do politizável”, no sentido de introduzir e fortalecer “na esfera do politicamente discutível ou contestável, objetos e preocupações afastados ou ignorados pela tradição política, por parecerem pertencer à ordem do privado”. Bourdieu (2017), por exemplo, credita aos movimentos gay e feministas, certa riqueza de ‘capital cultural’ no que tange aos trunfos em diferentes lutas sociais. Percebemos então, o argumento de haver, por um lado, o silêncio de muitos e, de outro, o ‘grito’ de resistência feminista na contraconduta dos corpos. É o que Rago (2013, p. 27) também aponta sobre os feminismos como potência abridora de novos modos de existência “mais integrados e humanizados, desfazendo oposições binárias que hierarquizam razão e emoção, público e privado, masculino e feminino, heterossexualidade e homossexualidade.”

Embora o protesto seja, em si mesmo, a irrupção de um acontecimento, destacamos o campo associado que se forma ao analisarmos também o enunciado imagético. A referência à distopia *O Conto da Aia* no acontecimento, é precisa; vestimentas longas e vermelhas, posição demonstrando docilidade, pouquíssima exposição do corpo, incluindo os cabelos cobertos pela touca e lapelas laterais que restringem o campo de visão. O romance explora os mecanismos de vigilância e governo das condutas dos corpos bem como a problematização do funcionamento e lógica de dispositivos agenciadores da sexualidade, colocando fins úteis aos corpos, fins de procriação. A persuasão e a atividade cotidiana em certo dispositivo de controle religioso-fundamentalista⁹ elaboram uma política de detrimento da autonomia. As mulheres se tornam “úteros de duas pernas, apenas isto: receptáculos sagrados, cálices ambulantes” (ATWOOD, 2017, p. 165).

A disposição dos acontecimentos discursivos em rede possibilita problematizar o domínio de memória que se forma em vista da remanência e atualização dos enunciados que versam sobre os corpos, sobre a gestação e o consequente atravessamento das esferas clínica, política e religiosa nas estratégias disciplinares. Retomamos, pois, a leitura de Foucault sobre esse dispositivo, que se mantém atual a partir de remodelações ao longo do tempo, acionando e possibilitando a persistência de enunciados como “Somos para

⁹ Para evitar equívocos, salientamos que dentro da leitura discursiva, quando citamos a vertente religiosa, não temos o intuito de apresentar um exame a ser aplicado no geral. Pensar em uma formação histórica é ver as diferentes perspectivas, mesmo no campo religioso. Foucault (2006b, p. 32), em sua experiência com o Budismo oriental, já nos alertava, por exemplo, que a “atitude em relação ao corpo é completamente diferente no zen e no cristianismo, embora ambos soam práticas religiosas”. Se nos é caro pensar as imensas diferenças com a atitude referente ao corpo no oriente e no ocidente, também é válido examinar os detalhes das atitudes ‘exclusivamente’ ocidentais, com suas respectivas singularidades. Está aí nosso destaque para certa linha de força referente ao religioso-fundamentalista, que guarda particularidades a serem examinadas, diferente de outras perspectivas, ainda religiosas, no mundo ocidental.

fins de procriação”, e mais, “Somos receptáculos, somente as entranhas de nossos corpos é que são consideradas importantes.” (Ibid., p. 165 e 118). Para além de um imperativo de procriação, estamos diante uma questão complexa, são vestígios e efeitos dos dispositivos que tomam a carne como objeto, produtores da esterilização da experiência, aridez contra uma multiplicidade da arte da existência.

Percorremos assim, um pequeno recorte dos discursos sobre a carne, na época presente. Através do funcionamento dos enunciados, acionamos uma discreta leitura da experiência do corpo no Ocidente. Sexualidade. São elementos apreendidos em reflexões discursivas, mas sobretudo, são detalhes resultantes de leituras que evidenciam jogos de saber-poder imediatamente relacionados ao governo das condutas. Não há a negação da sexualidade e sim, a constituição de regras para balizar/nortear os diferentes indivíduos em seus ‘fazereres’ com o corpo. A partir do enunciado “escolhi esperar”, que nomeia o projeto citado anteriormente, leia-se: o Estado decidiu que você deve esperar. Não se trata de uma escolha, mas de uma imposição. Governo das condutas e usos do corpo/carne como norma a ser seguida. O dispositivo da sexualidade hodierno, pelo recorte escolhido e não em sua totalidade, coloca passado e presente em diálogo, misturando-se, ou projetando luzes (ou sombras?) ao outro.

Dispositivos de controle da carne dizem de um fenômeno atual, contudo, são portadores de um longo histórico de formação e transformação. Algumas de suas marcas contemporâneas são os seus respectivos suportes relativamente eficazes no quesito dinamicidade em fazer circular enunciados. Não é necessário, por exemplo, que um Projeto de Lei seja aprovado para que os efeitos do funcionamento de determinado texto, prenhe de certos efeitos de verdade, emergjam e incitem a fervilhação do embate discursivo do campo social. As regras de condutas e linhas discursivas

dos governos dos usos dos corpos não param de circular. Ao se apoiarem em estratos políticos e religiosos, bifurcam-se nos regimes de forças ressoantes dos discursos científicos e entram em atrito e tensão com os movimentos sociais que buscam promover autonomia sobre as decisões concernentes aos usos da carne.

Sob esse viés, contracondutas, contestação, indignação frente ao funcionamento de pastoreio, fazem uso da maquinaria da escrita e das 'luzes' da *internet*; referenciam-se em romances distópicos de denúncia com ampla visibilidade e popularidade¹⁰, como na materialidade disposta nas Figuras acima. Acontecimento discursivo que faz funcionar a literatura, as cores, imagens, textos, plataformas digitais e movimentos sociais. Em se tratando de estratégia de resposta e luta discursiva, acompanhamos que no cintilar de nosso tempo, há um objeto/tema em disputa; no choque e entrechoque de linhas do dispositivo há um motor de problematização do jogo de conduzir condutas, manifestação incessante. Há um intenso movimento do dispositivo de controle acionando duas vias que se entrecortam; construir eticamente o manejo da sexualidade, questão de autonomia; reproduzir regras apriorísticas sobre os usos do corpo, governamentalidade secular.

As tecnologias do corpo e o cuidado de si se equiparam a um imperativo, diante da sexualidade não há silêncios, há múltiplas vias do que-fazer, saber-fazer. O discurso sobre a carne é também discurso sobre a batalha em que está em jogo a soberania de si. Sobre si, exerce-se o poder para ler e forjar a constituição ética de um corpo e o

desejo a ele imanente? Questão a ser perseguida. Contudo, com Foucault, podemos pensar a pele enquanto uma veste de códigos, na qual os discursos passam tramados no entre-corpos. Estamos em 'nós', dispersos em relações, fios onde o poder se articula no funcionamento de dada sociedade historicamente erguida.

Considerações finais

Ao iniciarmos nosso estudo pensando em uma (re)leitura de Foucault para propor novos caminhos para a própria leitura discursiva, sabíamos do difícil percurso a ser concretizado. Não de forma a reconfigurar os percursos metodológicos de leitura dentro da AD foucaultiana, mas no intuito mesmo de afirmar que as pesquisas de Michel Foucault ainda guardam inúmeros fios a serem incessantemente articulados, próprio de um texto nômade. Não seria possível concretizar nosso intento apenas resenhando os últimos trabalhos de Foucault - o que já não seria pouco. Priorizamos este gesto, leitura da leitura, para argumentarmos como se tornam tão necessárias as contínuas visitas à filosofia foucaultiana, a fim de problematizar minuciosamente nossos próprios recursos e estratégias de leitura frente a novos objetos de pesquisa.

Ao insistirmos na questão da sexualidade, somos testemunhas do presente. O tema da carne/corpo ainda pulula violentamente no campo histórico-social do mundo ocidental. E para que possamos percorrer por algumas linhas das tramas discursivas, é preciso que agucemos um olhar cuidadoso, ou que convertamos esse olhar para os acontecimentos que emergem ao longo do tempo. Mobilizando as ferramentas de análise empreendidas em *A Arqueologia do Saber* (1969), torna-se possível desvelar alguns dos nós que se formam a partir das linhas que atravessam os sujeitos e que produzem múltiplos efeitos, sempre

10 *The Handmaid's Tale* (1985) ganhou ainda mais visibilidade a partir de sua adaptação em plataformas cinematográficas. Estreada em 2017 pelo serviço de streaming Hulu, já não é 'apenas' um romance, a série alcançou grande público e foi ganhadora de muitos prêmios, como o Prêmio Emmy do Primetime: Melhor Série Dramática (2017) e o Prêmio Globo de Ouro: Melhor Série Dramática de TV (2018). A repercussão da história narrada aparece em protestos ao redor do mundo: contra a proibição do aborto nos Estados Unidos, em 2017, e a favor da descriminalização do aborto, em Buenos Aires, AR, no ano subsequente.

entrelaçando-os ao campo social em que vivem. Os processos de subjetivação (e de objetivação) dos sujeitos não são, pois, apáticos ao mundo, mas sim, trocas mútuas e constantes de práticas, em campo propício ao aparecimento e movimentação de enunciados específicos. Sob esse viés, a irrupção dos acontecimentos pode ser descrita até certo ponto, uma vez que não se consegue acompanhar e descrever todos os campos nos quais se estendem em performance rizomática, dinâmica.

Essa movência do dispositivo da sexualidade, de ontem e de hoje, mostra-nos a produtividade do pensamento de Foucault para refletirmos sobre os usos da carne-corpo em distintos momentos históricos, cada qual com a sua singularidade. Cada época histórica tem seus próprios regimes de verdade, por esse motivo, colocar esses discursos e práticas em diálogo requer cuidado, de forma a observar as continuidades e descontinuidades que constituem o sexo e o corpo como objetos de discursos. Se no volume I, *A Vontade de saber*, Foucault anunciava a construção histórica do dispositivo da sexualidade, os demais volumes, e sobretudo o inacabado *As Confissões da carne*, demonstram como esse dispositivo, formado por elementos heterogêneos (discursos, instituições, tratados etc.) teve uma construção histórica marcada por deslocamentos, ajustamentos e elaborações, cujo preenchimento estratégico sinaliza para as constantes modificações próprias dos dispositivos ao longo do tempo. No volume IV, o percurso arqueológico realizado por Foucault passa por textos dos séculos II da Era cristã, e outros, a partir dos quais se percebe a mobilização de usos e prescrições em relação ao casamento, virgindade e pelas artes de si mesmo.

Em Foucault (2006b), temos a proposta de luta contra o poder no dia a dia no formato de recusa, e não no sentido de tomar o poder em nível macro. O funcionamento do poder ao qual podemos resistir cotidianamente é difundido

através do saber. O poder se exerce por uma rede de saber. Saber e poder estão/são entrelaçados, articulados conforme condições de possibilidade de cada momento histórico. Pensando nisso, esboçamos acima alguns apontamentos sobre acontecimentos hodiernos que se apoiam em discursos que elencam a sexualidade como objeto para prescrever de forma utilitarista o uso do corpo. Corpos úteis a mover a máquina-Estado e, portanto, corpos-objetos pastoreáveis diante deste ou daquele objetivo. A sexualidade é um tema que nos faz ver o corpo-carne-máquina, corpo este que funciona nos *entres* do jogo de elementos, como faixa etária, trabalho, procriação e prazer; incute a eficácia para a experiência de si e a autonomia como técnica de si.

Ficção e realidade se tocam. A distopia, que surrupia crianças, que violenta e explora mulheres e seleciona parte delas à procriação obrigatória ritualizando e legitimando, político e religiosamente, relações sexuais sem consentimento, constitui campo associado com práticas atuais. Os posicionamentos que respondem às estratégias disciplinatórias sobre a sexualidade hoje, proporcionam vermos melhor algo sobre o que e como fazemos com nossos corpos, na ainda tão intensa produção de subjetividade e de sexualidade gritante e desordeira, objeto-alvo de regras e de liberação de caminhos. Não sucumbir a ser e a se reconhecer como “Um berço de vida feito de ossos” (ATWOOD, 2017, p. 137) implica a crítica do presente.

REFERÊNCIAS

ATWOOD, Margaret Eleanor. O Conto da Aia. Tradução de Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Tradução de Maria Helena Kuhner. 4. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.

- CÂMARA Municipal de São Paulo. Comissão de Saúde realiza 1ª audiência sobre Semana Escolhi Esperar, de prevenção e conscientização sobre gravidez precoce. São Paulo, 25 maio 2021. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/blog/comissao-de-saude-realiza-1a-audiencia-sobre-semana-escolhi-esperar-de-prevencao-e-conscientizacao-sobre-gravidez-precoce/>. Acesso em: 15 jul. 2021.
- CÉSAR, Maria Rita de Assis. A Invenção da “Adolescência” no Discurso Psicopedagógico. 1998. 145 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas - SP, 1998.
- COURTINE, Jean-Jacques. Decifrar o corpo: pensar com Foucault. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- DELEUZE, Gilles. Foucault. Tradução de Claudia Sant’Anna Martins. Revisão da tradução de Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2013.
- DELEUZE, Gilles. Michel Foucault: as formações históricas. Tradução de Claudio Medeiros e Mario A. Marino. São Paulo: n-1 Edições e Editora Filosófica Politeia, 2017.
- EXTRA. É #FAKE que ilustração de ato sexual foi usada em cartilha do MEC para crianças. Fato ou Fake, G1, [s.l.], set. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2018/09/25/e-fake-que-ilustracao-de-ato-sexual-foi-usada-em-cartilha-do-mec-para-criancas.ghtml>. Acesso em: 15 jul. 2021.
- FOUCAULT, Michel. 1981 “Omnes et Singulatim”: uma Crítica da Razão Política. In: FOUCAULT, Michel. Ditos e Escritos IV: Estratégia, poder-saber. Organização e seleção de textos de Manoel Barros da Motta. Tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006a. p. 355-385.
- FOUCAULT, Michel. Ditos e Escritos V: Ética, sexualidade, política. Organização e seleção de textos de Manoel Barros da Motta. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2006b.
- FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.
- FOUCAULT, Michel. História da sexualidade 4: as confissões da carne. Compilação por Frédéric Gros. Tradução de Heliana de Barros Conde Rodrigues e Vera Portocarrero. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020. (Biblioteca de Filosofia)
- GROS, Frédéric. Advertência. In: FOUCAULT, Michel. História da sexualidade 4: as confissões da carne. Compilação por Frédéric Gros. Tradução de Heliana de Barros Conde Rodrigues e Vera Portocarrero. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020. p. 7-20.
- PRADO FILHO, Kleber. Estetização da subjetividade: formas contemporâneas de cuidado e produção de si mesmo. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, Edição Especial, v. 2, n. 1, p. 92-103, 2018. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/595/o/Art_6_Esp_2018.pdf. Acesso em: 16 jul. 2021.
- PRECIADO, Paul B. Manifesto contrassexual. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 Edições, 2017.
- RAGO, Luiza Margareth. A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções de subjetividade. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.
- SÃO PAULO (SP). PL - Projeto de Lei 813/2019. Altera a Lei Nº14.485 de 19 de julho de 2007 para incluir no calendário da cidade de São Paulo a “Semana Escolhi Esperar” prevenção e conscientização sobre gravidez precoce e dá outras providências. São Paulo, SP: Câmara Municipal de São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.splegisconsulta.camara.sp.gov.br/Home/AbriuDocumento?pID=193833>. Acesso em: 3 ago. 2021.
- VALENCIA, Alejandro Millán. Por que não existe pílula anticoncepcional para homens. BBC News Mundo, [s.l.], 17 mar. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/institucional-36202452>. Acesso em: 15 jul. 2021.

ZYLBERKAN, Mariana. ‘Tudo tem seu tempo’, prega campanha de Damares por abstinência sexual. *Veja*, [s.l.], 3 fev. 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/tudo-tem-seu-tempo-prega-campanha-de-damares-por-abstinencia-sexual/>. Acesso em: 15 jul. 2021.

Submissão: agosto de 2021.

Aceite: outubro de 2021.